

Uma leitura da obra de Wilson Martins – O último crítico literário?

João Cezar de Castro Rocha*

Resumo

Neste ensaio proponho a releitura da obra de Wilson Martins. Trata-se de releitura necessária a fim de compreender o alcance do “último crítico literário formado nessa tradição francesa, que procura conciliar a atualidade com o rigor”, na caracterização do próprio crítico.

Palavras-chave: Crítica literária. História literária. Wilson Martins. Semana de Arte Moderna.

Relançamentos e releitura¹

O relançamento de várias obras de Wilson Martins, o lançamento do volume 14 de seus *Pontos de vista* e a publicação de *Mestre da crítica*, coletânea de ensaios em homenagem aos oitenta anos do Professor Emérito da Universidade de Nova Iorque colocam na ordem do dia a necessidade de reler sua vasta e relevante obra. É releitura necessária a fim de se compreender

* Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutor em Literatura Comparada pela Stanford University, com Pós-Doutorado pela Freie Universität Berlin.

¹ Uma primeira versão muito reduzida deste texto foi publicada como resenha dos livros Wilson Martins, *A crítica literária no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves / Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002, 2 v.; *A idéia modernista*. 6. ed. Rio de Janeiro: Topbooks / Academia Brasileira de Letras, 2002; *Pontos de vista (Crítica literária)*, v. 14. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002; *Mestre da crítica*. Miguel Sanches Neto (Org.). Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. Resenha publicada com o título “O último crítico literário?” *Jornal do Brasil / Caderno Idéias*, 7 set. 2002, p. 6.

Data de submissão: julho de 2008. Data de aceite: outubro de 2008.

o alcance do “último crítico literário formado nessa tradição francesa, que procura conciliar a atualidade com o rigor”,² na caracterização do próprio Wilson Martins.

É releitura ainda mais necessária se consultarmos os ensaios do livro de homenagem. Edson Nery da Fonseca nomeou os possíveis opositores do crítico nas trincheiras universitárias: “A pressão dos Ph.Dês das universidades federais e dos chamados pós-modernos das PUCs [...] a campanha intransigente e pertinaz de Afrânio Coutinho contra a crítica hebdomadária.”³ Ivan Junqueira identificou desafios em outra área: “Wilson Martins parece até hoje não gozar da acolhida com que o deveriam prestigiar as grandes editoras do país. Explica-se: trata-se de um crítico que só diz o que pensa – e um dos raros que de fato pensam [...].”⁴

Affonso Romano de Sant’Anna chegou a calcular o número de seus adversários: “Ser um crítico independente e semanal, corresponde a fazer um inimigo por semana, ou seja, cinquenta e dois por ano ou cerca de 2.600 em meio século de atividade. Esse número de inimigos corresponderia à quase totalidade dos escritores do país.”⁵ Mesmo o elogio de Josué Montello soa como uma ressalva polida: “Comparada a obra crítica de Wilson Martins com a obra crítica dos demais mestres brasileiros, creio que a sua, pela continuidade da

realização coerente, é certamente a mais extensa.”⁶

Tais comentários tocam o dedo na ferida: a obra de Wilson Martins é ostensivamente ignorada nas faculdades de letras e seus textos semanais não são sequer discutidos em sala de aula – serão lidos fora dela? Contudo, o comentário de Josué Montello, apesar de ambíguo, assinala a coerência de sua trajetória. Coerência – e constância – acrescente-se sem nenhuma ironia, porém como simples reconhecimento de uma atividade crítica que abarca nada menos do que sete décadas.

Wilson Martins iniciou a carreira em 1942, no jornal *O Dia*, de Curitiba, e prossegue ainda hoje com uma coluna no *Jornal do Brasil*. Eis a constância, louvável em qualquer latitude, mas que nem sempre tem merecido o elogio necessário – refiro-me, claro, ao reconhecimento generalizado, não à celebração entre amigos. A coerência de sua visão já se encontra formulada em comunicação lida no Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, ocorrido em julho de 1961. Martins apresentou o relatório “A crítica como síntese”, cuja conclusão afirmava: “Os diversos métodos não se excluem, mas se complementam numa síntese ideal que não se confunde nem com o ecletismo imediatista, nem com qualquer impossível ‘mistura’ de métodos.”⁷ Tal pressuposto tem como

base o primado da literatura sobre a “teoria”.

No debate que se seguiu à leitura do texto, Haroldo de Campos aplaudiu a “possibilidade de uma síntese dos métodos críticos”, contudo, “ressalt[ou] a existência de uma querela muito significativa para a crítica brasileira, que é o debate entre a *crítica científica* e a *impressionista*, entre o objetivismo e o subjetivismo crítico”.⁸ A resposta de Wilson Martins, sem dúvida considerada ultrapassada no fervor cientificista da década de 1960, mantém-se, no entanto, na ordem do dia: “O relator não só aceita a possibilidade da existência de uma crítica *impressionista*, como considera-a *inevitável* [...]. Dentro da mesma visão [...] está seguro de que não é possível excluir da crítica literária o *impressionismo* e *subjetivismo* [...]”.⁹ E ressalte-se que Wilson Martins jamais mudou de posição, acrescentando em ensaio posterior que o exercício crítico é “necessariamente subjetivo e variável (de crítico para crítico). A crítica perderia a utilidade e até justificação se alcançasse categoria científica e pudesse emitir julgamentos definitivos e irrecorríveis sobre obras e autores”.¹⁰

O crítico só pôde resguardar seus pontos de vista porque se manteve deliberadamente à margem dos modismos universitários, mantendo-se

fiel ao conjunto de postulados críticos que desde muito cedo plasmou o rumo de sua atividade. Em relação à querela sobre a almejada “objetividade” da atividade crítica, e aproximadamente na mesma época, Adolfo Casais Monteiro defendeu posição muito semelhante à de Wilson Martins:

Procura o título deste livro insinuar a fundamental convicção do autor, presente ou subjacente em todas as páginas que se seguem, de não ser possível um sistema, uma chave universal da crítica, e de nada ter a ganhar a sua fundamental ambição de clareza com a nada científica suposição de se poderem eliminar do seu exercício os chamados elementos de *subjetividade*.¹¹

Já é hora, portanto, de superar os extremos na leitura da obra de Wilson Martins. É preciso desenvolver uma compreensão que supere tanto o silêncio programático dos acadêmicos quanto o aplauso incondicional dos admiradores. Tal abordagem, porém, exige que se explicita o motor nada secreto da vida intelectual brasileira: as relações pessoais e a reciprocidade de elogios – e sobretudo de ataques.

A consequência mais direta da vigência da lógica do favor consiste na redução drástica do horizonte de leitura – finjo que li a produção dos amigos, ou seja, dos cúmplices de sempre, e asseguro que não gostei dos textos dos adversários; textos, aliás, que sequer folhee. Rer a obra de Wilson Martins, portanto, é um gesto na direção de

uma nova forma de atividade crítica, cujo norte não deixa de ser um truísmo, infelizmente necessário: somente discutir livros efetivamente lidos.

Historiador das ideias

Os dois volumes de *A crítica literária no Brasil* foram publicados pela primeira vez em 1952, reeditados em 1983 e conhecem agora sua terceira edição. Trata-se de leitura indispensável para todos que se interessem pela história das ideias críticas no Brasil. Depois de passar a limpo esforços anteriores de sistematização dessa mesma história, o autor propõe um duplo critério a fim de organizar sua narrativa.

De um lado, a divisão cronológica entre pré-história e história da crítica literária. O primeiro momento, transcorrido entre 1724 e 1786, refere-se ao movimento das academias arcades, isto é, à circulação inicial de preceitos e ideais estéticos. O período histórico mais ou menos coincide com a emancipação política e constitui o objeto do livro. Seria possível associar essa “pré-história” com o princípio da formação do “sistema literário”, tal como definido por Antonio Candido. Afinal, os dois autores possuem uma preocupação comum, qual seja, acompanhar o movimento das ideias e sua articulação coletiva no espaço-tempo da cultura brasileira. Além disso, am-

bos identificam o arcadismo como o marco da criação de uma comunidade intelectual.

De outro lado, a narrativa acompanha a identificação de “famílias espirituais”, responsáveis pela definição dos rumos da crítica literária brasileira.¹² Com base na releitura desse conceito, caro a certa tradição francesa, o autor desenvolve uma abordagem simultaneamente sincrônica e diacrônica. A abordagem de Wilson Martins é sincrônica porque a descoberta de uma família espiritual – ou seja, a descoberta de um conjunto determinado de afinidades eletivas – permite evitar a armadilha cronológica do conceito de geração.

Ora, pela sua própria natureza, uma geração se esgota no simples decurso dos anos; pelo contrário, o conceito de família espiritual torna possível surpreender, em momentos históricos diversos, autores cujas eleições estéticas e ideológicas supõem o “parentesco” crítico. Tal conceito, portanto, favorece ao mesmo tempo uma pesquisa necessariamente diacrônica, pois dilata no processo histórico a possibilidade de “filiações” e “rebeldias”.

Com esse instrumental, Wilson Martins identifica “as seguintes famílias espirituais: gramatical, humanística, histórica, sociológica, impressionista e estética”. E, de imediato, inclui a ressalva decisiva, caso contrário sua

abordagem pecaria por excessivamente esquemática: “Acrescento, desde logo, que os pequenos críticos integram-se sem dificuldade e sem variações às suas respectivas famílias, mas que os grandes tendem antes a extravasar dos seus limites e limitações.”¹³ Além disso, considera, corretamente, que “uma história da crítica brasileira seria incompleta se não reservasse um lugar para os estrangeiros que nela exerceram e exercem influência predominante ou tem contribuído com estudos significativos”.¹⁴

No fundo, a ordenação crítica e reflexiva de vasto material histórico constitui o método e o mérito definidor da obra de Wilson Martins. Os dois volumes republicados revelam, assim, o sentido maior de sua contribuição para a vida intelectual brasileira: a escrita sistemática e crítica de uma história das ideias. Os termos não se opõem, como esclarece em outra reedição:

A história literária, pelo menos como eu a entendo, é feita de exclusões e se define tanto pelo que recusa e ignora quanto pelo que aceita e consagra. Não há história sem crítica e sem espírito seletivo; estudar o passado, principalmente o passado literário, é compreendê-lo em sua natureza profunda, é descobrir-lhe um sentido e uma significação; ao mesmo tempo, a história literária, como a crítica, só encontra justificação enquanto existir conscientemente sob o signo de *qualidade*.¹⁵

Nesse contexto, destacam-se, sem dúvida, os sete volumes da *História da inteligência brasileira* – painel in-

dispensável, mesmo que não possamos aceitar determinadas interpretações do autor.¹⁶ Ao mesmo tempo, tanto o tom excessivamente judicativo de suas opiniões quanto o caráter francamente polêmico de determinadas avaliações apontam para o limite de sua atividade,¹⁷ relacionado ao modelo de crítica por ele privilegiado, o modelo do crítico-juiz, sempre disposto a proferir sentenças e a condenar erros. Por isso, no ensaio publicado em *Mestre da crítica*, José Mario Pereira anotou com precisão: “Em muitas ocasiões, ao ler seus artigos, espanto-me com sua timidez para admirar. Às vezes ele deixa a impressão de que lê à procura somente de erros e incoerências. Talvez entenda que é esta a função do crítico.”¹⁸ Essa era a função definidora da crítica oitocentista, horizonte igualmente definidor da atividade intelectual de Wilson Martins, como discutirei adiante.

O crítico-juiz

O volume 14 de *Pontos de vista* (*Crítica literária*) justifica a autodefinição de Wilson Martins como “último crítico” de determinada tradição – a tradição do crítico-juiz. Na apresentação geral dos volumes, ele definiu sua concepção de crítica:

[...] um diálogo, ou antes, um “triálogo”, no qual se ouvem as vozes do Autor, com a obra, do Crítico, com a análise, e do Leitor, com o julgamento final, instituído a partir

das perspectivas abertas pelos dois primeiros. Assim, é, na verdade, o leitor que *estabelece o circuito literário*, é ele que faz “passar a corrente”.¹⁹

Deduz-se daí o próprio título da série, pois, nessa constelação de vozes e escutas, nenhum vértice do “triálogo” deve se impor aos demais – e não deixa de ser notável a vizinhança dessa concepção da atividade crítica com o entendimento de sistema literário, tal como proposto por Antonio Candido. *Pontos de vista*, portanto, é uma denominação que expressa uma das convicções mais importantes de seu método. Em suas palavras: “Entendamos, pois, o título desta coleção como pretendendo aludir a uma das séries possíveis de pontos de vista sobre a coisa literária.”²⁰

Para o autor, o caráter subjetivo da experiência literária não permite o emprego de um único método ou de uma teoria exclusiva; ao contrário, como defendeu com vigor na comunicação “A crítica como síntese”, o crítico deve lançar mão de teorias e métodos diversos sempre que a especificidade do texto estudado o exija.

A promoção de sínteses teóricas e metodológicas, portanto, constitui o centro dos exercícios de leitura de Wilson Martins. E talvez não pudesse ser diferente: uma vez que trabalha com livros no calor da hora, em lugar de privilegiar uma abordagem teórica

e metodológica anterior à leitura, o crítico sempre se viu na circunstância oposta – para o bem ou para o mal, reconheça-se. É bem verdade que essa mesma circunstância poderia ter estimulado a “aplicação” automática de um modelo apriorístico de análise para obras as mais variadas. Por isso, e ressalte-se o mérito de Wilson Martins, a natureza muito diversa dos textos comentados favoreceu a adoção de um bem-vindo pluralismo, já anunciado no relatório de 1961 e exercido desde 1942, data do início de sua militância hebdomadária. Aliás, pluralismo que ainda hoje segue afirmando em sua coluna semanal.

Uma simples consulta ao índice dos livros e autores tratados no volume 14 de *Pontos de vista* é suficiente para compreender o alcance de suas leituras: em 1/4/1995, comentou *Guerra e paz*, de Ricardo Benzaquen de Araujo, uma brilhante releitura de Gilberto Freyre; em 24/2/1996, analisou a notável contribuição de José Paulo Paes como tradutor e crítico; em 27/7/1996, deteve-se na biografia de Ziembinski por Yan Michalski; em 1/3/1997, tratou da obra de Marcos Rey e também das telenovelas, a partir de livro de Sílvia Borelli; em 6/12/1997, discutiu os romances de Autran Dourado e Sérgio Sant’Anna, respectivamente, *Confissões de Narciso* e *Um crime delicado*. E... etc., etc.

Ora, dada a diversidade dos autores, gêneros e temáticas estudados e, sobretudo, considerando-se a absoluta contemporaneidade de livros recentemente publicados, Wilson Martins é, de fato, o único analista que se mantém fiel à grande tradição francesa do século XIX – ele tem razão ao se auto-definir como o “último crítico literário” dessa estirpe. Tal tradição tinha como base uma leitura rigorosa dos últimos lançamentos; leitura sem pretensões teóricas e tão plural quanto a pluralidade dos títulos analisados. Surgiu daí uma crítica de caráter necessariamente judicativo, pois não se tratava de propor uma reflexão abrangente sobre o fenômeno literário (característica da crítica universitária, tal como entendida por Afrânio Coutinho), mas de avaliar, caso a caso, os méritos e os problemas de obras concretas, a fim de orientar o público leitor.

De fato, tratava-se do modelo hegemônico no século XIX e que se manteve vigente até aproximadamente a década de 1950, num momento em que a palavra impressa ainda constituía o veículo central da transmissão de valores sociais, o que conferia ao livro e ao crítico literário uma proeminência progressivamente perdida com o advento de meios audiovisuais e, posteriormente, com o domínio dos meios digitais. No contexto histórico oitocentista, cabia ao crítico-juiz separar o joio do trigo, colaborando para a formação do público

leitor. Cabe perguntar em que medida tal função permanece válida, especialmente depois que o modernismo colaborou para o surgimento de uma nova figura: a do poeta-crítico.

Wilson Martins e o modernismo

Chego, pois, ao mais recente relançamento, *A ideia modernista*, livro que representa à perfeição tanto a importância quanto os limites da obra de Wilson Martins. Lançado em 1965, com o título *O modernismo*, chegou à quinta edição em 1977 e foi traduzido para o inglês como *The modernist idea: a critical survey of brazilian writing in the twentieth century*.²¹ A nova edição seguiu a norte-americana, alterando-se o título original.

Já tratei da relevância de sua contribuição: colocar à disposição do leitor um rico panorama das correntes e das articulações subjacentes à vida intelectual no Brasil. Neste caso, o autor compôs um agudo mosaico do modernismo, mas compreendido num sentido amplo: “Esse livro será a história da *ideia modernista*, de seu aparecimento, caracteres e transformações através dos anos, mais do que uma história literária do período modernista.”²² Desse modo, em lugar do estudo cerrado de determinadas transformações estéticas impostas pe-

los autores, Martins privilegia, mais do que o desenvolvimento artístico, o embate das ideias, o confronto de ideais, a pugna intelectual. Assim, obtém inegáveis ganhos analíticos, como a plena recuperação da modernidade *avant la lettre* de Monteiro Lobato,²³ além da inclusão no rol de autores fundamentais do modernismo de nomes que se opuseram abertamente ao movimento – como é o caso de Gilberto Freyre.²⁴ E pode fazê-lo graças à definição que propõe de autor fundamental: “[...] é o escritor típico ou inseparável de uma escola literária. Com grande frequência, é um escritor menor, mais importante na história literária do que na literatura.”²⁵

Por certo, nem Lobato tampouco Freyre são autores “menores”, mas, sim, representativos de certa atmosfera intelectual modernista, mais no campo das ideias do que, necessariamente, no universo da realização estética. Aqui, porém, surge o limite maior de seu trabalho e, ao mesmo tempo, uma contradição com o critério de “qualidade” proposto para o exercício da história literária. Martins oferece um painel histórico instigante e fecundo. No entanto, sua compreensão do movimento, como corrente estética, é bastante limitada, pois os valores fundamentais do crítico do presente foram definidos segundo padrões do passado – são valores, todos eles, oi-

tocentistas.

No fundo, trata-se de limite irônico. Embora Wilson Martins continue militando no calor da hora, provavelmente sua obra será, antes de tudo, consultada como um acervo inteligente do comércio das ideias na cultura brasileira. No futuro, portanto, o crítico do presente será reconhecido como o mais diligente arquivista do passado.

Abstract

Reading Wilson Martins' work – The last literary critic?

In this essay, I propose a re-reading of Wilson Martins' work. This is a re-reading, which aims at understanding the scope of the “last literary critic shaped within the French tradition, which sought to reconcile contemporary literature and rigour”, according to the critic's own definition.

Key words: Literary criticism. Literary history. Wilson Martins. Week of Modern Art .

Notas

² MARTINS, Wilson. O crítico por ele mesmo. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 18.

³ FONSECA, Edson Nery da. O maior crítico

- brasileiro. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 87.
- ⁴ JUNQUEIRA, Ivan. Pontos de vista. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 93.
- ⁵ SANT'ANNA, Affonso Romano de. Wilson Martins: um crítico na linha de fogo. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 89.
- ⁶ MONTELLO, Josué. O crítico literário de minha geração. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 82.
- ⁷ MARTINS, Wilson. A crítica como síntese. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 2. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963. *Anais...* p. 146. O autor esclarece que se trata de promover “três sínteses simultâneas” – síntese dialética, síntese metodológica e síntese histórica. p. 147.
- ⁸ CAMPOS, Haroldo de. Debate. Idem, p. 155. Na sequência, Haroldo de Campos mencionou a “possibilidade de classificar a crítica como *categoria de criação*, a que ele chamaria *iluminação*”.
- ⁹ MARTINS, Wilson. Debate. Idem, p. 156.
- ¹⁰ MARTINS, Wilson. O crítico por ele mesmo. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 17.
- ¹¹ MONTEIRO, Adolfo Casais. Prefácio. *Clareza e mistério da crítica*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961. p. 9.
- ¹² Após mencionar diversos métodos possíveis para a escrita da história da crítica, Martins afirma: “[...] só um parece oferecer sobre os demais uma superioridade indiscutível. [...] trata-se de descobrir na crítica não as suas aparências ocasionais, mas o seu espírito profundo; trata-se de identificar-lhe as *famílias espirituais*.” MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 27. 2 v.
- ¹³ Idem, p. 32.
- ¹⁴ Idem, p. 33.
- ¹⁵ MARTINS, Wilson. *A idéia modernista*. 6. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Academia Brasileira de Letras, p. 13.
- ¹⁶ “O crítico de idéias José Guilherme Merquior, que com ele terçou armas, sempre tinha à mão a *História da inteligência brasileira* [...]. Darcy Ribeiro – que certa vez, reagindo a uma crítica de Wilson Martins, apelidou a obra de ‘História burra da inteligência brasileira’ – muito a consultou enquanto escrevia seu *Aos trancos e barrancos*”. PEREIRA, José Mario. Wilson Martins. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 101.
- ¹⁷ Devo ressaltar, porém, que o crítico tem plena consciência do risco: “Toda a crítica autêntica não pode se render à polêmica, embora ela tenha sempre um fundo polêmico.” MARTINS, Wilson. O crítico por ele mesmo. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 13.
- ¹⁸ PEREIRA, José Mario. Wilson Martins. Idem, p. 99.
- ¹⁹ MARTINS, Wilson. Apresentação. *Pontos de Vista* (Crítica literária), T. A. Queiroz, v. 14, 2002, p. I.
- ²⁰ Idem, p. II.
- ²¹ MARTINS, Wilson. *The modernist idea: a critical survey of brazilian writing in the twentieth century*. Trad. de Jack E. Tomlins. New York: New York University Press, 1970.
- ²² MARTINS, Wilson. *A idéia modernista*. 6. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Academia Brasileira de Letras, p. 16.
- ²³ Como afirma com argumentos fortes: “E, nesse período, até 1921, vanguarda literária quer dizer, no Brasil, antes e acima de tudo, Monteiro Lobato. Em perspectivas ideais, caber-lhe-ia ter sido o chefe natural do Modernismo [...]” Idem, p. 26.
- ²⁴ “Gilberto Freyre (1900-1987) é, *malgré lui*, um autor fundamental do Modernismo dos anos 30 e 40 (no que se refere aos estudos brasileiros e não à literatura em sua acepção mais restrita)...” Idem, p. 309.
- ²⁵ Idem, p. 14.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. Debate. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 2. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963. *Anais...*

FONSECA, Edson Nery da. O maior crítico brasileiro. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

JUNQUEIRA, Ivan. Pontos de vista. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

MARTINS, Wilson. A crítica como síntese. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 2. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963. *Anais...*

_____. O crítico por ele mesmo. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

_____. *A crítica literária no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. 2 v.

_____. *A idéia modernista*. 6. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Academia Brasileira de Letras, 2002.

_____. *The modernist idea: a critical survey of brazilian writing in the twentieth century*. Trad. de Jack E. Tomlins. New York: New York University Press, 1970.

_____. *Pontos de Vista* (Crítica literária). São Paulo: T. A. Queiroz, v. 14, 2002.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Prefácio. *Clareza e mistério da crítica*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

MONTELLO, Josué. O crítico literário de minha geração. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

PEREIRA, José Mario. Wilson Martins. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Wilson Martins: um crítico na linha de fogo. In: SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Mestre da crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.